

**PALAVRA E IDEOLOGIA:
REFLEXÕES SOB A
PERSPECTIVA BAKHTINIANA**

BARREIROS, Ruth Ceccon¹

¹ Mestre em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Materna pela UEM. Professora de História e Formação da Língua Portuguesa no Colegiado de Letras da UNIOESTE. E-mail: <ruthcb@uol.com.br>.

RESUMO: Este estudo tem por objetivo analisar a palavra *universidade* dentro de um texto do gênero Editorial, predominantemente argumentativo, que tem como aporte o jornal, nesse caso, um jornal eletrônico. A temática e o contexto do texto em questão é o crime organizado. Utilizamos do método sociológico de análise da linguagem proposto por Bakhtin. Primeiramente, apresentamos de forma ampla o aspecto teórico defendido pelo *Círculo de Bakhtin* (2002) e compartilhado por outros estudiosos, como Brait, Meurer e Souza. Dentre os textos teóricos consultados, temos a obra *Estética da criação verbal* (2000), que considera que a palavra é inserida pelos gêneros do discurso no ato de enunciação, isto é, “o que eu quero dizer deve ser dito, considerando-se os interlocutores e os contextos de circulação específicos”. Dessa forma, as palavras escolhidas para formar o ato discursivo organizam-se dentro de um determinado gênero, aquele que melhor atenda às necessidades do locutor. Isso só é possível porque estas já foram experimentadas por outros indivíduos em situações semelhantes. Desse modo, entende-se que qualquer manifestação discursiva decorre de um ato ou evento comunicacional situado social, histórica e culturalmente. O discurso apresenta marcas deste *lôcus* na organização dos enunciados e na escolha do vocabulário empregado, pois o locutor espera responsabilidade do seu interlocutor. Logo, não se pode perceber inocentemente as manifestações discursivas orais ou escritas. É nesse sentido que se realizaram as reflexões acerca da palavra *universidade*, as quais mostraram que, ainda que ela não se distancie dos sentidos já conhecidos culturalmente, há outros contextos, atualizados ideologicamente, que ela figura.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero editorial; Palavra; Ideologia; Universidade.

ABSTRACT: This study aims at analyzing the word *university* in a text of the genre Editorial, predominantly argumentative, conveyed in a newspaper, in this case, an electronic one. This text's subject and context is the organized crime. The sociological method of language analysis, proposed by Bakhtin, was used in this study. Firstly, we briefly present the Bakhtin Circle's theoretical framework, shared by other scholars such as Brait, Meurer and Souza. Among the theoretical texts used for this study, we highlight *Estética da Criação Verbal (Esthetics of Creative Discourse)* (2000), which claims that the word is inserted in the discourse genres during an enunciation act, that is, “what I want to say must be said taking into account the speakers and the specific circulation contexts”. Thus, the words chosen to form the discursive act are organized in a certain genre: that one which best meets the speaker's needs. This is only possible because these words have been already used by others in similar situations. Therefore, it is inferred that any discursive event comes from a communicational act or event in a social, historical and cultural context. The speech presents signs of this *locus* in the headlines organization as well as on the vocabulary choice, since the speaker expects a response from his interlocutor, so the oral or written discursive manifestations are not seen as innocent events. In this sense, this paper presents some reflections concerning the word *university*, showing

that even though it does not move away from already culturally known senses, there are other contexts, ideologically updated, in which it appears.

KEYWORDS: Editorial genre; Word; Ideology; University.

I INTRODUÇÃO

PALAVRA

Aquela que não funcionar/ Palavra-falha

Aquela que não se juntar/ Vira palavra tralha

Quando não se faz sentir/ Tralha

(João Bosco – Francisco Bosco)

Este estudo analisa A PALAVRA e toma por base a teoria bakhtiniana. Em um primeiro momento, situa-se teoricamente, de forma breve e ampla, o método analítico proposto pelo *Círculo de Bakhtin*² para os estudos da linguagem. Na sequência, expõem-se alguns conceitos com vistas à compreensão das concepções de linguagem, língua, enunciado e palavra, e, por fim, comenta-se, no *corpus* escolhido, a aplicação de tais conceitos, mais especificamente, o de *palavra*.

Quanto ao *corpus*, trata-se de um fragmento de sequências discursivas argumentativas que organizam o texto do gênero Editorial da esfera jornalística, coletado em jornal eletrônico, com temática voltada para o crime organizado. Explica-se o termo *universidade* neste contexto, na perspectiva do método sociológico dos estudos da linguagem proposto pelo *Círculo*.

2 O MÉTODO

O método sociológico, presente nas obras de Bakhtin, Volochinov e Medvedev teve como ênfase sua aplicação nos estudos da literatura – da poética sociológica à psicologia; da psicologia objetiva à ciência da linguagem e à metalinguística. Esse método foi desenvolvido, dentre outros

² É a denominação atribuída pelos pesquisadores ao grupo de intelectuais russos que se reunia regularmente, do qual fizeram parte Bakhtin, Volochinov e Medvedev. Bakhtin faleceu em 1975, Volochinov, na década de 1920, e Medvedev, provavelmente, na de 1940.

autores, por G. V. Plekhánov (*apud* BAKHTIN, 2002) cuja intenção era a fundação de “uma ciência nova da literatura”, baseada nos estudos contemporâneos da Sociologia. Na concepção de Bakhtin, que era simpático ao método, este teria as seguintes tarefas, segundo afirma Souza:

a) transcrever o acontecimento ético no seu aspecto social, já vivido e avaliado empaticamente na contemplação estética; b) sair dos limites do objeto e introduzir o acontecimento em ligações sociais e históricas mais amplas; e c) ultrapassar os limites da análise propriamente estética. (SOUZA, 2002: 31)

É possível perceber que o interesse dos integrantes do *Círculo* pelo método sociológico decorria do entendimento de que todo ato ou evento de comunicação e interação, em sua análise, contemplaria aspectos da sua realização efetiva, concreta e apreciativa, um ato consciente, uma realização única, irrepetível. Isto é, todo ato ou evento deveria ser compreendido em seu sentido completo.

Ainda sob a ótica de Souza (2002), o método sociológico é reconhecido por Bakhtin em 1924, no ensaio *O Problema do Conteúdo, do Material e da forma na Criação Literária*, e retomado e detalhado nas obras posteriores do *Círculo*, com vistas à construção de uma sociologia do discurso.

Ao analisarem o desenvolvimento conceitual de linguagem, Bakhtin, Volochinov e Medvedev afirmam que ela é dinâmica, mutante, em constante desenvolvimento, um perpétuo *‘vir a ser’*, sugerindo as constantes mudanças da vida social. Concebem-na como um fenômeno histórico-fenomenológico e sociológico, evidenciado nas interações verbais e concretizada em um ou mais enunciados que podem ser compostos por uma ou por várias palavras em forma de texto.

Conforme atesta Miotello,

(...) o ponto de vista, o lugar valorativo e a situação são sempre determinados sócio-historicamente. E seu lugar de constituição e de materialização é na comunicação incessante que se dá nos grupos organizados ao redor de todas as esferas das atividades humanas. E o campo privilegiado de comunicação contínua se dá na interação verbal, e que constitui a linguagem como o lugar mais claro e completo da materialização do fenômeno ideológico. (MIOTELLO *apud* BRAIT, 2005: 170).

Nesse sentido, a linguagem é ideológica e procede da organização social do trabalho e da luta de classes, o que confirma, em termos bakhtinianos, o caráter dialógico da linguagem. Para Brait,

(...) o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. (BRAIT, 1997: 98).

Na perspectiva dialógica, toda manifestação discursiva parte de um sujeito em direção a um interlocutor. Um sujeito que, conforme destaca o *Círculo*, não é tomado “como um fantoche” das relações sociais, mas como um agente, um organizador de discursos, responsável por seus atos e responsivo ao outro (SOBRAL *apud* BRAIT, 2005: 24).

Esse dinamismo da linguagem a que se referem os teóricos do *Círculo* é perceptível na vida cotidiana, o que exige um ritmo acelerado de adaptação às mudanças de valores ideológicos de toda ordem, uma vez que são veiculados pela ação de linguagem, dada a sua importância no processo de interação humana. É preciso lembrar, ainda, que a linguagem é entendida como toda forma de manifestação humana socialmente e culturalmente determinada e que a palavra é uma dessas formas de manifestação que se revela em enunciados orais e escritos. Ressalta-se que, além de dinâmica, a palavra, na concepção dos estudiosos russos, “é a arena onde se confrontam os valores sociais contraditórios”. Esta “veicula, de maneira privilegiada, a ideologia”, concebida como uma superestrutura, em que as transformações sociais de base refletem-se nela (ideologia) e, portanto, “na língua que as veicula” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2002: 14 e 17).

De modo geral, o fluxo de informações intenso requer de todo leitor (locutor/interlocutor) um acompanhamento do processo evolutivo dos signos, suas novas construções na realização dos enunciados em uso. Dessa forma, é bastante comum encontramos enunciados em que algumas palavras que figuram em nosso conhecimento de mundo com um determinado sentido são empregadas, em novos contextos, com novas significações. Isso nos leva a uma reavaliação/adequação vocabular. Daí o entendimento da linguagem, pelo *Círculo*, em uma perspectiva dinâmica.

Muitas dessas inovações semânticas, sempre inseridas em uma manifestação discursiva, relacionam-se à intenção/criatividade do autor para chamar a atenção/persuadir os interlocutores. As palavras, quando expressas em discurso, oral ou escrito, são selecionadas pelo locutor para compor um determinado gênero, atendendo à situação discursiva desejada. Esta, por sua vez, está imbuída de um tema, uma expressividade, marcada por estilo e entonações. Esse 'inovar' é um mecanismo herdado desde os tempos mais remotos para a adequação da língua(gem) às intenções/necessidades de expressão do cotidiano.

Para Bakhtin (2000), a manifestação discursiva é polifônica, na qual estão presentes muitas vozes, recebidas como herança do meio social em que se está inserido. Assim, tem-se a linguagem, bem como sua estrutura de uso, registrada no que o *Círculo* denomina de arquetipo. Porém, a compreensão de linguagem não foi dimensionada ou teorizada nessa amplitude pelos estudos da Linguística Geral, que a entendia apenas como sistema e dava ênfase à estrutura. Diferentemente, a teoria proposta pelo *Círculo* buscou considerar tanto os aspectos estruturais quanto o aspecto sócio-histórico-cultural da linguagem.

Mesmo os formalistas já entendiam que as atividades humanas, em todas as esferas, eram mediatizadas pela língua(gem). Contudo, a teoria do *Círculo* foi mais longe, propôs que os estudos da língua não se pautassem apenas no sistema, como pretendiam os formalistas, mas em uma perspectiva interacionista. Nessa nova visão seria preciso considerar outros aspectos presentes em qualquer manifestação oral ou escrita, como intenção, situação, momento histórico etc. Essa nova perspectiva propõe a análise da interação humana não mais focada apenas no verbal, mas também no extraverbal, tendo em vista que a língua empregada em manifestações discursivas revela as

concepções do mundo, não abstratas, mas concretas, sociais, atravessadas pelo sistema das apreciações, inseparáveis da prática corrente e da luta de classes. Por isso, 'cada objeto, cada noção, cada ponto de vista, cada apreciação, cada entoação, encontra-se no ponto de interseção das fronteiras das línguas-concepções do mundo, é englobado numa luta ideológica escarnecida. Nessas condições excepcionais, torna-se impossível qualquer 'dogmatismo linguístico e verbal', qualquer 'ingenuidade verbal'. (SOUZA, 2002: 41-42)

Essa concepção de língua deixa clara a ideia de que todo processo de interação é marcado ideologicamente, e o discurso que media essa interação está investido de apreciações valorativas decorrentes da visão de mundo dos envolvidos no processo verbal. Em virtude disso, a língua não pode ser avaliada de forma neutra ou ingênua.

Para Bakhtin (2000), bem como para seus companheiros de pesquisa, Volochinov e Medvedev, o uso da língua se dá por meio de enunciados, orais ou escritos, concretos e únicos, que partem dos indivíduos de uma ou de outra esfera da atividade humana.

Conforme Brait (2005), o pensamento bakhtiniano não se apresenta pronto e acabado em uma determinada obra ou em um determinado texto: o sentido e as particularidades vão sendo construídos ao longo do conjunto das obras, sempre relacionados a outras noções que são também gradativamente apresentadas.

Passemos, então, à explicitação de alguns conceitos. Esclarece-se, entretanto, que, para o presente trabalho, dada à complexidade da teoria dos estudiosos russos, elencou-se os conceitos julgados mais pertinentes à análise em questão, sem, contudo, deixar de mencionar que, para uma pesquisa mais aprofundada, a consulta ao conjunto da obra é imprescindível. Assim, apresenta-se de forma sucinta os conceitos de enunciado e palavra, haja vista que o aspecto da intenção verbal, em uma perspectiva dialógica, pode ser apreendido nas concepções de linguagem e língua defendidas pelo *Círculo*.

3 ENUNCIADO

No que tange ao enunciado, primeiramente, é preciso considerar que, no ato da comunicação verbal, o locutor manifesta-se recorrendo ao seu conhecimento do sistema da língua em uso. Além do sistema da língua, o locutor recorre a enunciados anteriores, provindos dele mesmo ou do outro, supondo que sejam conhecidos do ouvinte. Assim, cada enunciado configura-se um elo da cadeia complexa de outros enunciados.

Conforme Bakhtin, "o discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma. Quaisquer que sejam o volume, o

conteúdo, a composição, os enunciados sempre possuem, como unidades da comunicação verbal, características estruturais que lhe são comuns, e, acima de tudo, fronteiras claramente delimitadas” (BAKHTIN, 2000: 293).

Ao explicar as características do enunciado, elencaram-se as noções consideradas básicas, pressupondo que são cruciais para o entendimento do que seja enunciado na teoria de Bakhtin. Em *Estética da criação verbal*, Bakhtin (2000) recobra o termo oração, na perspectiva estruturalista: a oração representa um pensamento relativamente acabado relacionado com outros pensamentos do mesmo locutor dentro do enunciado como um todo. Na sequência, refuta essa definição, e explica: estando a oração inserida em um contexto de discurso de um único e mesmo falante, a relação entre a oração do locutor e o contexto extraverbal da realidade não ocorre de forma direta ou pessoal com os enunciados de outros locutores, mas é permeada pelo contexto que a rodeia, ou seja, pelo enunciado como um todo.

Para Bakhtin (2000), a oração como unidade da língua é desprovida de algumas propriedades, ou seja, não é delimitada em suas extremidades pela alternância dos sujeitos falantes; não está em contato imediato com a realidade, em uma situação transverbal; não está em relação imediata com os enunciados do outro; não possui significação plena nem capacidade de suscitar atitude responsiva do outro locutor. Ao ignorarem-se esses fatos na análise da oração, deforma-se a natureza da oração. Ainda na visão de Bakhtin, muitos linguistas, quando avaliam a sintaxe, permanecem aprisionados a esse equívoco. Para o teórico russo, a comunicação não ocorre por orações, mas por enunciados. De acordo com a sua tese, toda comunicação verbal simples (diálogo) ou complexa (obras dos gêneros das ciências e das artes) visa à resposta do outro (dos outros), uma compreensão responsiva ativa; pressupõe a responsabilidade do outro nas complexas condições da comunicação verbal de uma dada esfera cultural.

Uma outra particularidade do enunciado apresentada pelo autor refere-se ao acabamento, que consiste na alternância dos sujeitos falantes. Essa alternância ocorre precisamente porque o locutor disse (ou escreveu) tudo o que queria dizer

em um dado momento, em dada condição. O mais importante dos critérios de acabamento do enunciado é a possibilidade de resposta, ou seja, o interlocutor deve adotar uma atitude responsiva para com ele. Para isso, não basta que o enunciado seja inteligível no nível da língua. Uma oração pode ser inteligível e acabada, mas, não sendo um enunciado, não provocará uma reação de resposta. Assim, embora se possa entendê-la, ainda não é um todo. Esse indício de totalidade de um enunciado não pode ser definido com base apenas na questão gramatical. A totalidade acabada do enunciado, que provoca uma compreensão responsiva, é determinada por três fatores interligados no todo orgânico do enunciado: 1) o tratamento exaustivo do objeto do sentido; 2) o intuito, o querer-dizer do locutor; 3) as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento.

O primeiro fator está relacionado às esferas cotidianas, ou seja, às esferas em que os gêneros do discurso são padronizados ao máximo e a criatividade é quase inexistente. O segundo fator relaciona-se ao querer dizer do locutor e se interliga ao primeiro no que toca ao intuito definido pelo autor. Disso decorre que os envolvidos em um ato de comunicação são conhecedores da situação e dos enunciados anteriores, podendo compreender, com facilidade, o intuito discursivo e captar o todo do enunciado ainda em processo de desenvolvimento. O terceiro fator está relacionado às formas relativamente estáveis do gênero do enunciado.

A escolha do gênero de um discurso tem por base as intenções e o desejo de querer-dizer do locutor, sem renunciar, contudo, à sua subjetividade. Para qualquer manifestação, o falante/escritor utiliza-se sempre de gêneros do discurso. Esses gêneros do discurso são dados da mesma forma como nos é dada a língua materna: dominamo-los com facilidade antes mesmo de estudarmos a gramática. Em síntese, aprender a falar é aprender a estruturar enunciados.

Essa terceira particularidade constitutiva está relacionada ao enunciado, com o próprio autor e com os interlocutores, pois é o autor quem determina o estilo composicional do enunciado com vistas à expressividade.

De acordo com os estudos do *Círculo*, a plena interação – língua e vida – se dá de forma orgânica, por enunciados

concretos. Convém explicitar que enunciados concretos referem-se, conforme explica Souza (2002: 103), a enunciados que compõem ou caracterizam os diversos gêneros discursivos das esferas sociais distribuídas na/pela organização social.

A teoria de estudos da linguagem proposta pelo *Círculo* evidencia que a linguagem não pode ser analisada/estudada considerando-se apenas este ou aquele aspecto, mas deve ser vista como um todo.

4 A PALAVRA

Não é diferente quando a teoria da linguagem proposta por Bakhtin explica o papel da palavra no contexto da linguagem. Também para a análise da palavra é preciso considerar sua história e sua historicidade, isto é, a palavra em situação de uso. Dessa forma, ela passa a ser entendida como um elemento concreto com valor ideológico, um signo ideológico. Nessa visão, a palavra aparece como parte de um processo de interação entre um falante e um interlocutor, concentrando em si as entoações do falante, entendidas e socialmente compartilhadas pelos interlocutores.

Vista dessa forma, e conforme Stella (2005), a palavra apresenta quatro propriedades definidoras: a) pureza semiótica ligada à capacidade da palavra de circular como signo ideológico; b) possibilidade de interiorização que compreende a palavra como único meio de contato entre o conteúdo interior do sujeito (a consciência) formado por palavras e o mundo exterior construído por palavras; c) a participação em todo ato consciente refere-se tanto à interferência da palavra na formação da consciência do sujeito (processo interno de compreensão e interpretação do mundo) quanto aos processos externos em que a palavra circula em todas as esferas ideológicas; d) neutralidade, tendo em conta que toda palavra é neutra até que apareça num enunciado concreto; a partir daí assume função ideológica.

Em *Estética da criação verbal* Bakhtin (2000) teoriza que a palavra é inserida pelos gêneros do discurso no ato de enunciação, isto é, "o que eu quero dizer deve ser dito, consi-

derando-se os interlocutores e os contextos de circulação específicos". Dessa forma, as palavras escolhidas para formar o ato discursivo organizam-se dentro de um determinado gênero, aquele que melhor atenda às necessidades do locutor, e isso só é possível porque elas já foram experimentadas por outros indivíduos em situações semelhantes.

Assim, podemos concluir que qualquer manifestação discursiva decorre de um ato ou evento comunicacional situado social, histórica e culturalmente. O discurso apresenta marcas desse *lôcus* na organização dos enunciados e na escolha do vocabulário empregado, em que o locutor espera uma responsabilidade do seu interlocutor. Logo, não se pode perceber inocentemente as manifestações discursivas orais ou escritas.

5 ANÁLISE DA PALAVRA NO GÊNERO

Para a análise, expõe-se a concepção de gênero discursivo, apresenta-se o *corpus* e discute-se a palavra *universidade* inserida no gênero Editorial, bem como suas propriedades definidoras, ou seja, pureza semiótica, possibilidade de interiorização, participação em todo o ato consciente e neutralidade. Por fim, discute-se acerca das entoações valorativas da palavra.

Bakhtin (2000) entende por gênero do discurso os enunciados de tipo relativamente estáveis produzidos individualmente em cada esfera de uso da língua. Meurer, com base em outros autores, define gêneros discursivos como

formas de interação, reprodução e possível alteração sociais que constituem, ao mesmo tempo, processos (Kress, 1993) e ações sociais (Miller, 1984) e envolvem questões de acesso (quem usa quais textos) e poder. São tipos específicos de textos de qualquer natureza, literários ou não (Swales, 1990) orais ou escritos, reconhecidos pelas características funcionais organizacionais que apresentam e pelos contextos em que são utilizados. (MEURER, 2000: 150).

Diante disso, é possível afirmar que em qualquer interação verbal faz-se presente um gênero discursivo que se evidencia pela escolha individual dos enunciados, adequados à situação de uso da língua e aos objetivos do locutor-sujeito. Bakhtin (2000) ressalta que, para definir o caráter genérico do enunciado, é preciso considerar a diferença entre gêne-

ro de discurso primário-simples (discursos do cotidiano) e gênero de discurso secundário-complexo. Estes são compostos a partir do gênero primário e aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa, principalmente escrita, nas esferas artística, científica ou sociopolítica.

Para Bakhtin (2000: 324), “a língua, a palavra são quase tudo na vida humana”. No que tange à *palavra* no contexto do enunciado, o autor compreende que a palavra é inserida pelos gêneros do discurso no ato da enunciação, isto é, em um processo de interação verbal. Aquilo que o locutor pretende dizer deve ser dito levando-se em conta os interlocutores e o contexto de circulação da comunicação verbal. Dessa forma, as palavras escolhidas para gerar o ato discursivo são organizadas dentro de um determinado gênero.

É preciso ressaltar que não se entende como ideal a análise de fragmento de texto, tendo em vista que o aporte teórico escolhido sugere, para uma abordagem adequada de interação, a necessidade de se considerar o todo. Contudo, se assim procedemos é por acreditarmos que, mesmo com os riscos inerentes às análises de fragmentos, o trabalho pode ser produtivo, uma vez que temos como objetivo a análise da *palavra*. Espera-se, ainda, que as inferências possíveis e os esclarecimentos que pretendemos apresentar no decorrer da análise sejam suficientes para um bom entendimento.

Passemos à verificação do ato discursivo, o *corpus* de análise:

[...] **Universidade** do Crime o próprio título se concretizou e se tornou realidade, notícias recentes e confirmadas pelas autoridades constituídas do País dão conta de que o poder do crime organizado chegou ao ponto de Comprar Gabaritos de Vestibulares nas Universidades para colocarem lá seus soldados para cursarem cursos estratégicos, contribuem financeiramente com os custos das mensalidades da Universidade para formarem soldados e autênticos defensores públicos dos eventuais Bandidos condenados pela justiça. [...] **A Universidade** do Crime está aí e difícil será desmantelar essa rede de criminosos que a montou. Universidade do Crime. (Jornal do Dia – Editorial – 22/05/06 - jdia.leiaonline.com.br).

O texto apresentado trata-se de um fragmento do gênero ‘Editorial’, de circulação eletrônica e impressa, publicado em 22 de maio de 2006 no Jornal do Dia, um jornal de

Macapá que traz notícias locais, seção de esporte, sociedade etc. Essa informação possibilita situar o fragmento de texto em análise na esfera discursiva do jornalismo, cujo gênero (Editorial) é organizado predominantemente por sequências argumentativas, haja vista que essa característica, em geral, é predominante nos editoriais. Em outras palavras, o autor tem por intuito apresentar uma tese sobre um determinado tema e persuadir o seu interlocutor a aderir ao seu ponto de vista.

Assim, o Editorial, em seu contexto persuasivo, tem por finalidade a formação de opinião. Os temas abordados estão, em geral, relacionados às esferas do cotidiano. No caso tomado para análise, o assunto abordado é o crime organizado, o qual, pode-se dizer, tem sido de interesse de todos os brasileiros, já que é possível encontrá-lo em quase todos os jornais nacionais.

Em relação à adequação do tema ao contexto, é possível inferir que, embora o Brasil esteja entre as dez maiores economias do mundo, a desigualdade social é profunda. Os fatores que geram as desigualdades são muitos, dentre os quais podemos apontar a má distribuição de renda, o desemprego, a corrupção, a precariedade do sistema educacional etc. Muitos desses fatores contribuem para a escalada da violência.

Nesse sentido, a violência, como fenômeno complexo, possui muitas faces e resulta de diversas determinações; articula-se intimamente com processos sociais que se assentam, em última análise, numa estrutura social desigual e injusta. Atribui-se, frequentemente, o envolvimento com o crime a necessidades econômicas, esquecendo-se do papel que a cultura, os valores, as normas sociais e os símbolos desempenham. Para a sobrevivência, a autoestima tem a mesma importância de um prato de comida.

Assim, é possível inferir que a escolha, pelo autor, da palavra *universidade* de forma associada ao crime está em consonância com a autoestima desejada pelos bandidos, que esperam ascender socialmente. Isso possibilita a leitura de que já não se trata de amadores, mas de profissionais graduados para o crime. Por outro lado, para o cidadão comum, a palavra *universidade* associada ao crime possibilita-lhe dimensionar o nível de exposição à violência em que se encontra.

Nesse sentido, direta ou indiretamente, os brasileiros afetados pela violência dialogam com o assunto abordado no editorial; são seus interlocutores (leitores do jornal) ao buscarem informações acerca do assunto.

6 AS PROPRIEDADES DA PALAVRA

Conforme já visto, de acordo com os estudos do *Círculo*, a *palavra* apresenta quatro propriedades que a definem, a saber: pureza semiótica, interiorização, participação em todo ato consciente e neutralidade.

A *palavra*, na perspectiva de *pureza semiótica*, refere-se ao seu sentido dicionarizado. Assim, em relação à palavra eleita para análise, *universidade*, tem-se:

[Do lat. *universitate*.] S. f.

1. Universalidade.
2. Instituição de ensino superior que compreende um conjunto de faculdades ou escolas para a especialização profissional e científica, e tem por função precípua garantir a conservação e o progresso nos diversos ramos do conhecimento, pelo ensino e pela pesquisa.
3. P. ext. Edificação ou conjunto de edificações onde funciona essa instituição.
4. O pessoal docente, discente e administrativo da universidade.
(AURÉLIO – Século XXI – versão eletrônica)

Sob essa perspectiva, o autor do texto, ao escolher a palavra *universidade* para associá-la ao crime, mostra ter conhecimento do sentido *lato* da palavra, bem como das possibilidades de sentido(s) que deseja despertar em seus leitores, o que converge para o que Bakhtin explicita sobre a palavra, ou seja, “a palavra veicula, de maneira privilegiada, a ideologia” (2000: 17).

A possibilidade de interiorização relaciona-se ao confronto da palavra, como signo ideológico, entre o sistema e as nuances de sentido dadas pelo locutor. Conforme Stella (*apud* BRAIT, 2005: 187), “o processo de interiorização se dá entre o signo internamente circulante e o externo [...] os novos significados devem ser compreendidos pelo interlocutor”. Esse entendimento decorre de como a palavra é trabalhada no discurso pelo locutor, ou seja, a palavra participando de *um ato consciente*.

Nessa perspectiva de confronto da palavra com a realidade, e tomando o primeiro sentido *lato* de *universidade* como “universalidade”, pode-se inferir que, no contexto em análise, a universalidade relaciona-se ao campo de atuação dos fora-da-lei, não mais restrito ao âmbito de *locus* específico; em proporções universais, em todos os lugares, fazem-se presentes e atuantes.

Na segunda acepção, como instituição de ensino superior, podemos conceber o termo no confronto das novas nuances como escola que gradua para o crime ou, ainda, aqueles que pretendem frequentar os cursos universitários para estarem a serviço do crime. A escolha do autor não deixa de ser irônica, tendo em vista a carência educativa brasileira. Em um país cujo sistema educacional não dá conta de sanar as necessidades básicas de ensino/aprendizagem, não propicia a todos o direito de cursar o ensino superior, a *universidade* é reconhecida pelo saber livresco, que dissemina *status* social. Assim, estar em uma *universidade*, ainda que seja do crime, pode significar *status*, em grau equivalente a qualquer outro curso universitário para muitos marginalizados.

Essa concepção pôde ser verificada em outros artigos lidos, como se pode observar nesse fragmento: “o tempo em que esteve na prisão ele poderia ter obtido o título de PhD da Universidade do Crime” (PIOLLA, 2001). Esse exemplo leva a confrontar a terceira acepção da palavra ‘Universidade’: edificação ou conjunto de edificações onde funciona essa instituição. Ou seja, o sistema prisional brasileiro tornou-se *Universidades do crime* pela incapacidade de cumprir seu objetivo primeiro, que é propiciar ao preso (discentes e docentes dessa universidade criminal) condições de ressocialização para voltar a viver em sociedade.

Quanto à *neutralidade* da palavra, pode-se considerar que a palavra é neutra quando está descontextualizada. Porém, quando inserida em um enunciado concreto, como no texto analisado, perde a neutralidade e adquire função ideológica. Nessa perspectiva, a palavra ‘*universidade*, no contexto analisado, não é diferente, uma vez que o autor do texto poderia ter utilizado “escola do crime”, “colégio do crime”. Entretanto, nenhum desses termos daria a dimensão ideológica desejada por ele.

7 AS ENTOAÇÕES VALORATIVAS

Os valores veiculados pela palavra *universidade* são muitos, especialmente na acepção “Instituição de ensino superior que compreende um conjunto de faculdades ou escolas para a especialização profissional e científica, e tem por função precípua garantir a conservação e o progresso nos diversos ramos do conhecimento, pelo ensino e pela pesquisa”. Faz parte do desejo de grande parte da população brasileira passar no vestibular, frequentar uma *universidade*, realidade esta que ainda é para poucos, principalmente quando se fala em universidades públicas.

O excerto “o poder do crime organizado chegou ao ponto de comprar gabaritos de Vestibulares nas Universidades para colocarem lá seus soldados para cursarem cursos estratégicos, contribuem financeiramente com os custos das mensalidades da Universidade” dá destaque às universidades particulares, revelando a lógica capitalista, na qual tudo pode ser comprado: gabaritos, diplomas etc. Para o senso comum, essa prática acaba sendo esperada também das universidades públicas, desvalorizando-se o sistema universitário.

A palavra *universidade* na acepção de aquisição do conhecimento apresenta um valor reconhecido e atribuído socialmente, não apenas pela classe trabalhadora, mas também pelos marginais³. Isso fica evidente na entrevista dada ao jornal *O Globo*, de 23 de maio de 2006, por um dos chefes do PCC, Marcola, que comenta:

Agora, estamos ricos com a multinacional do pó. E vocês estão morrendo de medo... Nós somos o início tardio de vossa consciência social... Viu? Sou culto... **Leio Dante na prisão** [sic.] Vocês intelectuais não falavam em luta de classes, em ‘seja marginal, seja herói’? Pois é: chegamos, somos nós! Ha, ha... Vocês nunca esperavam esses guerreiros do pó, né? Eu sou inteligente. **Eu leio, li 3.000 livros e leio Dante (...). Estou lendo o Klauswitz, “Sobre a guerra”**. Não há perspectiva de êxito... Nós somos formigas devoradoras, escondidas nas brechas... A gente já tem até foguete antitanque... (grifo nosso).

Marcola, quando afirma “sou culto...Leio Dante”, tem consciência de que o conhecimento dos clássicos faz dife-

³ Marginal, nesse contexto, é entendido como pessoa que vive à margem da sociedade ou da lei; delinquente; fora-da-lei.

rença no contexto social e o utiliza como forma de intimidação. Assim, ele não é “poderoso” só porque pode tirar a vida das pessoas, mas também porque é “culto”, graduado na *Universidade do crime*. Nesse contexto, crime não é sinônimo de ignorância, mas de inteligência, relação essa possível pela apropriação de um discurso (ler clássicos) que tem efeitos positivos (valor) para determinados estratos sociais.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou (re)visitar parte da teoria proposta pelo *Círculo*. Contudo, dada a sua complexidade, percebe-se que, a cada novo estudo, muito ainda há para ser explorado.

No que tange à proposta de reflexões sobre a *palavra*, acredita-se ter alcançado o objetivo, se não de forma integral pelo menos parcialmente. Nesse percurso, evidenciou-se a tese de Bakhtin (2002) que defende que “é preciso fazer uma análise profunda e aguda da palavra como signo social para compreender seu funcionamento como instrumento da consciência”. Nesse sentido, não é possível mais pensar a *palavra* em uma perspectiva isolada; só é possível concebê-la em seu contexto sócio-histórico-cultural, especialmente porque “a significação da palavra se refere à realidade efetiva nas condições reais da comunicação verbal” (BAKHTIN, 2002: 310).

Assim, as reflexões realizadas acerca da palavra *universidade* demonstraram que, ainda que ela não se distancie dos sentidos já conhecidos culturalmente, está, no contexto observado, atualizada e marcada ideologicamente de forma expressiva.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

_____. BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Edunicam, 1997.

DICIONÁRIO AURÉLIO, Século XXI (versão eletrônica).

ENTREVISTA COM MARCOLA. *O Globo online*, 23/05/2006. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com>>. Acesso em: 07 abr. 2007.

MEURER, José. O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. In: FORTKAMP, Mailce B. M. *Aspectos da Linguística Aplicada: estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular, 2000.

PIOLLA, Gilmar. *Soldado do tráfico nunca mais*. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/g_piolla/id140202.htm>. Acesso em 05 mar. 2007.

SOUZA, Geraldo T. *Introdução à teoria do enunciado concreto*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2002.

STELLA, Paulo R. Palavra. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

UNIVERSIDADE DO CRIME (Editorial). *Jornal do Dia*, 22/05/06. Disponível em: <jdia.leiaonline.com.br>. Acesso em: 14 set. 2007.